

**Narrativas do Envelhecimento em Cena/nas Telas do Cinema:  
Reflexões Sobre o Etarismo e a Heterogeneidade dos Modos de Envelhecer em *A Substância* e *O Último Azul*<sup>1</sup>**

Gisela G. S. Castro<sup>2</sup>  
Adriana Lima de Oliveira<sup>3</sup>  
Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM

**RESUMO**

Este trabalho apresenta uma reflexão acerca do papel das narrativas cinematográficas na conformação do imaginário social sobre o envelhecimento, notadamente o envelhecimento feminino. Pretende-se refletir sobre o combate ao etarismo (*ageism*) tematizado em dois filmes selecionados para concorrer em importantes premiações atuais da indústria do cinema. Com base em leituras interdisciplinares sobre a cultura midiática, o feminismo, o envelhecimento e o idadismo, examina-se as narrativas do envelhecimento em *A Substância* (Coralie Fargeat, 2024) e *O Último Azul* (Gabriel Mascaro, 2025), delineando os contrastes e semelhanças no tratamento do tema do etarismo e na concepção de envelhecimento que subjaz a cada roteiro. Pondera-se sobre o etarismo estrutural na apreensão do envelhecer como falha individual, e propõe-se a ação coletiva, abrangente e intergeracional como contraponto à opressão da intolerância e desrespeito contra as pessoas idosas, em especial as mulheres mais velhas, em nossas sociedades obcecadas pela juventude.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação e cultura midiática; idadismo; envelhecimento feminino; cinema.

**Para começar: o envelhecimento na jovencêntrica cultura midiática atual**

A despeito da conquista da longevidade e do acelerado envelhecimento populacional em todo o mundo, a juventude configura um valor dominante em nossas sociedades. Não mais se restringe a um patamar etário, mas se transforma em um imperativo social, algo que todos e todas somos instados a exibir e performar, em qualquer etapa do curso da vida (DEBERT, 2018; CASTRO, 2018). Em uma cultura jovencêntrica, o padrão juventude dita modas, aparências, atitudes, estilos de vida e status social. Ainda que estejamos na era da longevidade, parece ser mandatário estender ao

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura da Longevidade, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Docente Titular do PPGCOM ESPM, São Paulo; coordena o Comitê ESPM de Direitos Humanos e o Conex.lab – Grupo CNPq/ESPM de Pesquisa em Comunicação, Consumo, Subjetividade e Sociabilidade. E-mail: [gcastro@espm.br](mailto:gcastro@espm.br)

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação e Práticas de Consumo, Pós-doutoranda no Conex.lab – Grupo CNPq/ESPM de Pesquisa em Comunicação, Consumo, Subjetividade e Sociabilidade, integrante do Comitê ESPM de Direitos Humanos. E-mail: [publicidade.dri@gmail.com](mailto:publicidade.dri@gmail.com)

máximo a meia-idade com aparência juvenil. Uma pessoa idosa será admirada socialmente ao lograr projetar uma imagem de alguém que “nem parece” a sua idade. Nesse processo, escamoteia-se a velhice, como bem observaram Featherstone e Wernick (1995) tempos atrás, tirando-a de cena como algo esteticamente condenável e moralmente reprovável.

Nas sedutoras imagens das onipresentes telas midiáticas do cotidiano vigora, conforme Sibilia (2012), a “moral da pele lisa”, que considera obscenas as rugas e outras marcas do envelhecimento, em especial no caso das mulheres que (ainda) têm na beleza o seu principal atributo social. Nesse contexto, segundo a estudiosa, “os corpos humanos são desencantados de suas potências simbólicas para além dos códigos da ‘boa aparência’” (SIBILIA, 2012, p. 83). Tem-se um sistema institucionalizado em que dinâmicas de poder desiguais marginalizam as pessoas mais velhas por meio de políticas, normas culturais e dinâmicas de poder desiguais.

### **O etarismo: questão de saúde pública**

Conforme Butler (1969), o idadismo (ou etarismo<sup>4</sup>) constitui uma forma de intolerância e opressão social contra as pessoas mais velhas. Autoras como Applewhite (2020) e Gullette (2007), dentre outras, classificam o etarismo como estrutural na cultura jovencêntrica contemporânea, e destacam o papel das narrativas midiáticas em disseminar esta forma de opressão naturalizando-a. Até pouco tempo atrás, o idadismo não fazia parte do debate social. Hoje, felizmente, a discussão sobre o tema tem merecido maior espaço e atenção, embora ainda estejamos longe de constituir a sociedade para todas as idades preconizada pela ONU.

O “Relatório Mundial sobre o Idadismo”, documento publicado pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS/OMS/ONU, 2021), apresenta a complexa articulação entre estereótipos (como pensamos), preconceito (como sentimos) e discriminação (como agimos) em relação ao envelhecimento e às pessoas mais velhas. Ainda segundo este documento, o idadismo pode se manifestar em nível institucional ou interpessoal. Pode se voltar para o outro ou para si próprio, nem sempre de modo consciente e explícito, e é muito mais disseminado do que se costuma imaginar, constituindo uma questão

---

<sup>4</sup> Do original em inglês: *ageism*.

prioritária de saúde pública em um contexto de envelhecimento populacional em todo o mundo.

A rigor, o envelhecimento é um processo que ocorre ao longo da vida de todos os seres humanos. É afetado por múltiplos fatores como gênero, raça, classe socioeconômica, genética, status social, ideologia e outros. Em uma sociedade patriarcal, o envelhecimento feminino difere, em muito, do masculino. O influente texto de Sontag (1972) sobre o duplo padrão de preconceito voltado para as mulheres maduras descreve a opressão da combinação entre machismo e etarismo. No caso das não-brancas, soma-se o racismo em uma tripla e perversa articulação de intolerância, discriminação e violência social.

As produções culturais, destacadamente o cinema, refletem e refratam este cenário de invisibilidades, representações estereotipadas e desrespeitosas, além de demais tipos de *bullying* social contra pessoas idosas. Como bem sustenta Ylänne (2024), o idadismo também pode impactar negativamente a autoestima, o estado de saúde, o bem-estar e o desempenho cognitivo de pessoas mais velhas.

### **O idadismo nas telas do cinema**

Tendo em vista nosso forte interesse pela cultura midiática atual, este trabalho tematiza o tratamento conferido ao idadismo em duas produções cinematográficas do circuito internacional de grandes premiações da indústria do cinema em 2025. Embora muito diferentes, as narrativas selecionadas para esta discussão têm como personagens principais mulheres consideradas como velhas. Servimo-nos destas obras premiadas<sup>5</sup> para tecer considerações sobre a violência social do etarismo, especialmente em sua associação com o sexismo que torna o envelhecimento feminino inaceitável no ideário jovencêntrico vigente.

Com base nos estudos sobre o envelhecimento (Featherstone e Wernick, 1995; Pickard, 2016; Beauvoir, 2022 e outros) e o combate ao etarismo (Butler, 1969; Gullette, 2007; Applewhite, 2020 e outros), argumentamos sobre o fio da navalha de trazer esta controversa temática para o debate, destacando sua grande relevância e, ainda, o perigo de se incorrer no mesmo viés discriminatório que se pretende denunciar e combater.

---

<sup>5</sup> A Substância (*The Substance*, , 2024)

A partir de uma análise crítica comunicacional (Sodré, 2014), entendemos que o tratamento do tema em meio a um cenário distópico de exclusão social das pessoas velhas. em *A Substância* termina por reforçar o caráter misógino do argumento, enquanto *O Último Azul* vai na contramão ao narrar uma saga potente de alianças e resistência.

### ***A Substância: grotesco espetáculo anti-idade***

O longa metragem *A Substância* (2024), gênero *body horror*<sup>6</sup> da diretora e roteirista Coralie Fargeat, conta a história de Elisabeth Sparkle, ex estrela de cinema que atua como apresentadora de programa de televisivo de ginástica aeróbica. Aos 50 anos, a *musa fitness* é demitida por ter ultrapassado o patamar de idade considerado compatível com sua função na TV.

Produto de um contexto profissional predatório e assumidamente idadista, a personagem trava uma luta interna em que sucumbe às pressões do etarismo em relação aos padrões de beleza feminina vigentes. Como resultado, Elisabeth internaliza o preconceito e despreza a si mesma. Desesperada e sempre sozinha, Elisabeth recorre a uma droga misteriosa que promete criar uma versão mais jovem e aprimorada de si mesma, para que continue a brilhar nas telas e regozijar-se com os aplausos dos fãs. A crueza das cenas impacta pelo caráter perturbador e explícito da violação do corpo da protagonista, que vai sendo transmutada em grotesca imagem neste embuste.

Embora o roteiro carregue nas tintas do machismo dos personagens masculinos, entendemos que a perversidade principal está no mesmo sentimento inconscientemente instilado e naturalizado nas ações da protagonista. Também a câmera emula a violência do *male gaze*, o olhar que despreza e vilipendia a versão madura interpretada por Demi Moore enquanto desnuda despidoradamente a jovem de olhos azuis que se entende como a versão aprimorada de Sparkle<sup>7</sup>.

Não é tarefa fácil alterar o sentido da narrativa conservadora e apocalíptica sobre o envelhecimento no contemporâneo. Os discursos normativos que o identificam com decadência, doença, feiura, pobreza e tantas outras formas de opressão se naturalizam de forma pervasiva promovendo o ostracismo social das pessoas idosas.

---

<sup>6</sup> *Body Horror* é um subgênero do cinema de terror que explora a violação do corpo humano de forma perturbadora e explícita.

<sup>7</sup> Curiosamente, o sobrenome da personagem significa “brilho” ou “faísca” – e é justamente o que assistimos decrescer a cada injeção d’*a Substância*.

O sentido do envelhecer (ou a falta deste) na sociedade atual, diz mais sobre a sociedade do que sobre o envelhecimento propriamente dito. Conforme argumenta Beauvoir (2022, p. 11), “não saberemos quem somos, se ignorarmos quem seremos”. Nas palavras da pensadora francesa que clamou contra a conspiração do silêncio em torno do estigma da velhice, enxergamos uma forte inspiração para constituir um contraponto em relação às promessas milagrosas da multimilionária indústria anti-idade obscenamente caracterizada no filme misógino em questão.

Ao assumir intensamente todas as idades, Beauvoir (2022, p. 24) faz uma aliança com a liberdade que, desde muito cedo, iluminou sua vida e sua relação amorosa nada convencional com Jean-Paul Sartre: “Nada nos limitava, nada nos definia, nada nos sujeitava; nossas ligações com o mundo, nós é que as criávamos; a liberdade (...) *nossa própria substância*” (grifos nossos).

### ***O Último Azul: distopia, desejo e resistência na mítica Amazônia***

Filme brasileiro de drama e ficção científica, *O Último Azul* (2023), de Gabriel Mascaro, segue uma trajetória distinta. Em um Brasil distópico, onde o governo transfere pessoas idosas para uma colônia habitacional obrigatória a fim de “desfrutar” de seus últimos anos, Tereza, 77, recebe a ordem para o exílio compulsório. Antes de partir, a personagem embarca em uma jornada pelos rios da Amazônia para realizar um último desejo. No caminho, forja amizades e muda o seu destino.

A ficção distópica nos ajuda a enxergar a realidade por meio de metáforas. Segundo Tavares (2025, s/p), “a narrativa distópica nos convida a pensar o que podemos fazer para evitar que esse cenário se concretize”. Ao recorrer a este formato, a narrativa fílmica de desta produção do diretor pernambucano se recusa a reduzir sua protagonista à condição de “fim de linha”. Ao contrário, o filme encanta ao demonstrar sua capacidade de desejo, escuta e (auto)criação.

### **Para concluir**

Ao refletir sobre as narrativas do envelhecimento nas duas produções cinematográficas selecionadas, ponderamos sobre o reforço ou rechaço midiático às formas de opressão às pessoas mais velhas, em especial às mulheres idosas. Entendemos que os produtos culturais sobre o envelhecimento desempenham um papel crucial no reforço de estereótipos aviltantes, ou em sua contestação

No primeiro filme analisado, o envelhecimento é interpretado como falha individual, reforçada por estereótipos internalizados e pressupostos naturalizados de “decadência” e/ou “inutilidade”. Essa narrativa idadista ignora as raízes sociopolíticas da opressão etária e transfere a responsabilidade para o indivíduo, perpetuando ciclos de exclusão e autodepreciação. Este sistema é ainda mais perverso para as mulheres, culpabilizadas por envelhecer em uma cultura obcecada pelo corpo jovem.

A transformação exigida não é apenas individual, mas estrutural: requer mudanças institucionais (leis antidiscriminação), culturais (representações midiáticas positivas) e interpessoais (diálogos intergeracionais), priorizando vozes de pessoas mais velhas para alterar a sordidez misógina e etarista que, lamentavelmente, ainda prevalece nas telas do cinema.

## REFERÊNCIAS

- APPLEWHITE, A. **This chair rocks: a manifesto against ageism**. New York: Celadon Books, 2020.
- BEAUVOIR, S. **A força da idade**. (Coleção Clássicos de Ouro). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.
- BUTLER, R. N. Ageism: another form of bigotry. **The Gerontologist**, v. 9, n. 4, p. 243–246, 1969.
- CASTRO, G. G. S. **Os velhos na propaganda: atualizando o debate**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.
- CASTRO, G. G. S.; HOFF, T. (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo: perspectivas multidisciplinares**. (Coleção Comunicação e Consumo). Porto Alegre: Sulina, 2018.
- CÔRTE, B. Na era da leveza, ‘o tempo é liberdade e a idade é constrangimento’. In: CASTRO, G. G. S.; HOFF, T. (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo: perspectivas multidisciplinares**. (Coleção Comunicação E Consumo). Porto Alegre: Sulina, p. 31-54, 2018.
- DEBERT, G. G. A vida adulta e a velhice no cinema. In: GUSMÃO, N. M. M. (Org.) **Cinema, velhice e cultura**. Campinas: Ed. Alínea, 2005, p. 25-43.
- FEATHERSTONE, M. Construir uma vida e aprender a viver com os dilemas do envelhecimento. In: CASTRO, G. G. S.; HOFF, T. (Org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no**

- contemporâneo.**: perspectivas multidisciplinares. (Coleção Comunicação e Consumo). Porto Alegre: Sulina, p. 139-160, 2018
- FEATHERSTONE, M.; WERNICK, A. (ed.). **Images of aging**: cultural representations of later life. London: Routledge, 1995.
- GULLETTE, M. M. **Ending ageism or how not to shoot old people**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2007.
- MENDONÇA, M. L. M.; FERREIRA, C. Envelhecimento feminino, consumo e protagonismo. É a (voz da) Vovozinha!. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 11, n. 32, p. 119–136, 2014.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS/OMS/ONU. **Relatório mundial sobre o idadismo**. 2021.
- PICKARD, S. **Age studies**: a sociological explanation of how we age and are aged throughout the life course. London: Sage, 2016.
- ROCHA, R. M.; CASTRO, G. G. S. Cultura da mídia, cultura do consumo: imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. **Logos**, v. 16, n. 1, p. 48–59. 2009.
- ROZAN, V. A invasão de crianças e adolescentes no consumo de beleza. **Gama Revista**, 06/02/2024.
- SANCHES, I. C.; GERALDES, E. C. Retratos do envelhecimento feminino no cinema. **Anagrama**, v.17, n. 1, p. 1-17, 2023.
- SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 9, n. 26, p. 83–114, 2012.
- SODRÉ, M. **A ciência do comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SONTAG, S. The double standard of aging. **The Saturday Review**. ed. 23/set./1972, p. 29-38.
- TAVARES, D. Por que cantar um mundo em ruínas? **Boletim Outras Palavras**. Poética. 21/02/2025,
- YLÄNNE, V. (ed.). **Ageing and the media**: international perspectives. (Aging in a Global Context). Cambridge, UK: Polity Press, 2024.